



ISSN: 1989-4155

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Maria Regina da Silva¹
Ivana Moraes de Alencar²
Paulo Eduardo Ribeiro³

Resumo: Apesar dos estudos sobre a psicopedagogia serem cada vez mais frequente, seja no âmbito nacional ou internacional, sua identidade ainda encontra dificuldade no que se refere a sua delimitação. O objetivo desta pesquisa era tentar conhecer e compreender a partir de um criterioso levantamento bibliográfico sobre o tema, um pouco melhor a atuação do psicopedagogo frente às dificuldades de aprendizagem. Os procedimentos metodológicos definidos e utilizados nesse trabalho foram as análises das leituras contempladas que progressivamente foram organizadas de forma linear e contínua, tendo como início as dificuldades de aprendizagem, mostrando os diferentes problemas relacionados às dificuldades e transtornos, baseados no DSM-V. Também foi apresentada a função da escola dentro da visão psicopedagógica e como colaborar com o aprendente e a equipe multidisciplinar, identificando e superando suas dificuldades sem patologizá-las. Por fim, a importância do papel do psicopedagogo e como funciona a sua atuação na prática dentre as diferentes áreas de trabalho (clínica, institucional, hospitalar e empresarial) pode ser evidenciada. Com base nos resultados obtidos após a finalização dos trabalhos, foi possível ainda identificar a importância do conhecimento e da compreensão, além das implicações diretas e os cuidados preventivos que deve-se tomar para que o sujeito, dentro de suas limitações, para que ele viva e conviva feliz dentro de uma sociedade.

Palavras-chave: Psicopedagogia, dificuldades, aprendizagem.

THE PSYCHOPEDAGOGISTS PAPER IN FRONT OF LEARNING DIFFICULTIES

Abstract: While studies of the educational psychology are increasingly frequent, whether at national or international level, his identity still finds difficulty in relation to its delimitation. The objective of this research was to try to know and understand from a thorough literature review on the topic, a little better the performance of the educational psychologist forward to learning disabilities. The defined methodological procedures and used in this study was the analysis of readings contemplated that progressively were arranged linearly and continuously, with the early learning difficulties, showing the different problems related to the difficulties and disorders, based on the DSM-V. It was also presented the school's role within the psychopedagogical vision and how to collaborate with the learner and the multidisciplinary team, identifying and overcoming their difficulties without pathologizes them. Finally, the importance of the educational psychologist's role and how its performance in practice among the different work

¹ e-mail: mreginadasilva@outlook.com - Pedagoga, aluna do curso de Pós-graduação Lato Sensu em Psicopedagogia Clínica e Educacional da Universidade Nove de Julho - UNINOVE - São Paulo - Brasil.

² e-mail: ivanamor@uol.com.br - Mestre em Psicologia, professora do curso de Graduação do Departamento de Comunicação Social e Psicologia e do curso de Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Educacional da Universidade Nove de Julho - UNINOVE - São Paulo - Brasil.

³ e-mail: p.eduardo.ribeiro@uol.com.br - Mestre em Psicologia da Saúde - Professor de Graduação e Pós Graduação da Universidade Cidade de São Paulo - Brasil.

areas (clinical, institutional, hospital and business) can be highlighted. Based on the results obtained after completion of the work, it was also possible to identify the importance of knowledge and understanding, beyond the direct implications and preventive care should be taken to the subject, within their limitations, for him to live and mingle happy within a society.

Key-words: Educational psychology, difficulties, learning.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com base nos estudos disponíveis sobre o tema em questão, parece ser possível afirmar que o psicopedagogo vem ganhando um espaço cada vez maior, especificamente no que se refere às dificuldades de aprendizagem. Há, no entanto a necessidade que esse profissional assuma o seu papel para que antigos paradigmas psicologizantes possam ser remodelados, evitando-se a patologização do processo de ensino-aprendizagem e desmistificando assim, os estigmas dos alunos que não conseguem aprender.

Este trabalho tem como objetivo tentar conhecer e compreender de que forma a atuação do psicopedagogo pode ser melhor utilizada diante das dificuldades de aprendizagem encontradas por alunos dentro e fora da sala de aula.

Foram analisadas e organizadas leituras expostas de forma linear e contínua para que fosse possível compreender primeiramente as dificuldades de aprendizagem, logo em seguida a atuação da escola e, finalizando, a compreensão do papel do psicopedagogo.

Os procedimentos metodológicos utilizados para a compreensão desse tema serão melhor explicados no capítulo 3, que trata exclusivamente do assunto.

Visando colaborar com os profissionais que atuam na área da Psicopedagogia, foram apresentados, a princípio e de forma sucinta, os diferentes problemas relacionados às dificuldades e transtornos de aprendizagens e as diferenças mais relevantes dos transtornos de aprendizagem entre o DSM-IV e o DSM-V.

Foram relatados estudos, conceitos, observações, convergências e divergências de autores renomados dentre a vasta gama de profissionais que atuaram ou atuam na área. Foi enfatizada a importância que se deve dar entre a relação que há entre o indivíduo e o meio em que está inserido, isto é, o que muitas vezes é visto como um transtorno de fato não o é, e sim fruto da sociedade onde o sujeito vive.

Foram elencadas também as funções da escola e a necessidade preeminente em difundir harmonia, parceria, equilíbrio, respeito entre todos os atores desse ambiente, trabalhando para o bem-estar do aluno, da família e da comunidade de onde façam parte, respeitando suas experiências de vida, seus limites, expectativas e diversidades, evitando-se assim o fracasso e o abandono escolar.

E por fim foi apresentada a importância do psicopedagogo nas diferentes áreas de atuação, isto é, clínica, institucional, hospitalar e empresarial e a forma de como deve desenvolver adequadamente o seu papel, lembrando que o instrumento crucial para o seu trabalho é o ser humano. Observou-se que de fato a prevenção é fundamental e contar com ajuda multidisciplinar é elementar.

É fundamental que o psicopedagogo saiba que deve atuar de forma preventiva e investigativa para que o seu diagnóstico seja preciso, e para isso deve atuar em conjunto com uma equipe de outros profissionais da área, psicólogos, fonoaudiólogos, médicos, neurologistas etc.; deve ainda conhecer minuciosamente os sujeitos envolvidos no processo da queixa para que possa intervir e diagnosticar corretamente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

O indivíduo quando nasce necessita de outro para sobreviver - primeiramente a mãe; nesse primeiro contato é que se inicia o processo de aprendizagem. O instinto humano por si só não fornece subsídios para que a criança sobreviva sem a ajuda do outro nos primeiros anos de sua existência.

ao nascer a criança é dotada de alguns reflexos e de um psiquismo

absolutamente primitivo decorrente diretamente dos aspectos orgânicos. Será precisamente o contato com quem faz a função materna que promoverá a organização daquele caos em que se constitui o psiquismo da criança e a progressiva diferenciação e construção do mundo interno. (www.psicopedagogianet.com.br).

Na escola cada indivíduo apresenta a sua bagagem, uns diferem dos outros, quer seja pela genética, pelo meio em que vive, pelos seus anseios e desejos. Assim como as dificuldades na escola podem acontecer por vários fatores, tais como: a escola propriamente dita, sua cultura, sua política, seus professores, a relação do corpo docente e discente e a metodologia aplicada.

Outros fatores, que estão fora do ambiente escolar, também contribuem com as dificuldades de aprendizagem e podem ser: orgânicos, emocionais, culturais, intelectuais, familiares e outros fatores mais específicos, como por exemplo, dislexia, disgrafia, discalculia; estes considerados transtornos ou distúrbios, que devem ser devidamente diagnosticados quando percebidos.

Para compreendermos esse fenômeno bastante complexo chamado de “aprendizagem”, necessitamos buscar parceiros em outras áreas de conhecimento que possam colaborar e integrar a compreensão do ato de aprender, como a Psicopedagogia, a Pedagogia, a Psicologia, a Neurologia, a Psicanálise, entre outros, para que o trabalho flua de forma responsável, com maior segurança, pois é a vida do sujeito que está envolvida diretamente neste trabalho.

De acordo com Patto (1990), os distúrbios de aprendizagem requerem um componente patológico orgânico, por exemplo, TDAH (transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade).

De acordo com Fonseca (1999) a dificuldade de aprendizagem é abrangente e global, relaciona-se ao aprendente, ao ensinante, a metodologia e conteúdo, a escola e ao ambiente; enquanto que distúrbios de aprendizagem são dificuldades pontuais e específicas onde há uma disfunção neurológica.

O psicopedagogo juntamente com uma equipe multidisciplinar deve perceber que muitas vezes o não aprender é apenas uma forma da criança ou adolescente chamar a atenção dos pais; neste caso não devemos patologizar o problema achando que há algum distúrbio que porventura possa interferir no ato de aprender.

Dificuldade de aprendizagem não é sinônimo de distúrbio de aprendizagem. Deve-se ter cautela e muito cuidado para diagnosticar uma criança ou adolescente que apresente algum distúrbio que o impeça de aprender e que de alguma forma interfira na sua vida cotidiana.

Samuel Kirk há 42 anos conceituou as dificuldades de aprendizagem e, até hoje esse conceito é bastante discutido, gera controvérsias em termos de elegibilidade e de identificação, porém é inquestionável quando tende a provocar no indivíduo sérias dificuldades de adaptação à escola e que pode prolongar-se ao longo da vida adulta se não cuidado, podendo levar ao abandono escolar e ao insucesso. Preferencialmente quanto mais cedo for diagnosticada a dificuldade ou a patologia mais efetiva será a forma de tratamento.

Segundo Fonseca (2007), os indivíduos com potencial intelectual médio, que não apresentam constatadas patologias sensoriais (visuais ou auditivas), mentais, neurológicas ou motoras, motivados e inseridos em um processo de ensino eficaz, muitas vezes apresentam distúrbio de aprendizagem de ordem escolar e/ou acadêmica, nomeada como simbólica ou verbal (aprender a ler, a escrever e a contar) e de ordem psicossocial e/ou psicomotora, nomeada como não simbólica ou não verbal (aprender a orientar-se no espaço, a andar de bicicleta, a desenhar, a pintar, a interagir socialmente).

Distúrbio de aprendizagem é um tema bastante complexo, pois quando o sujeito aprende uma tarefa é verificado o seu perfil de aprendizagem, isto é, quais são seus talentos e quais suas vulnerabilidades, até mesmos os testes utilizados para detectar as dificuldades de aprendizagem não são 100% eficazes, pois há crianças e adolescentes que mesmos com QIs elevados apresentam dificuldades específicas na aprendizagem, embora existam diversos testes que são aplicados em crianças e adolescentes que dão subsídios para conhecer mais e melhor esses sujeitos.

De acordo com Schwartzman et al (2001), existem inúmeras dificuldades e fatores que

levam ao déficit de aprendizagem, entre eles estão:

- TDAH: problema de desatenção com ou sem hiperatividade (quando a criança é agitada e não consegue parar quieta). Elas se machucam com mais frequência, não têm paciência, interrompem conversas, etc
- Prejuízo Intelectual ou deficiência intelectual: capacidade intelectual inferior à média normal.
- Lesões ou disfunções cerebrais, como exemplo a anóxia, isto é, falta de oxigênio no organismo.
- Fatores genéticos, neonatais ou pós-encefálicos e traumáticos.
- Medicamentos. Fundamental é ter senso crítico para percebermos e analisarmos a respeito do uso medicamentoso. Há casos de transtornos graves que necessitam do seu uso e como profissionais da área de psicopedagogia temos de ter esta clareza para informar a família e a escola, após o devido contato com a equipe multidisciplinar.
- Problemas sensoriais de audição e visão.
- Dislexia: quando a criança ou adolescente não consegue associar o símbolo gráfico e as letras ao som que eles representam, é um distúrbio genético e neurobiológico que independe da preguiça, falta de atenção ou má alfabetização. O que ocorre é uma desordem no caminho das informações, o que inibe o processo de entendimento das letras e, por sua vez, pode comprometer a escrita.
- Disgrafia: dificuldade na escrita.
- Discalculia: dificuldade de aprender tudo o que está relacionado a números como operações matemáticas, dificuldade de entender os conceitos e a aplicação da matemática; seguir sequências, classificar números.
- Dislalia: distúrbio de fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras e pela má pronúncia, omitindo, acrescentando, trocando ou distorcendo os fonemas.
- Disortografia: dificuldade de aprender e desenvolver as habilidades da linguagem escrita, é um transtorno específico da grafia que, geralmente, acompanha a dislexia.

Há convergências em alguns consensos em relação às dificuldades de aprendizagem, tal como a diversificação, apesar de 80% enfocarem na dislexia e disgrafia; essas dificuldades podem ocorrer em todos os níveis de QI e em diferentes níveis socioeconômicos; envolvimento hereditário; estruturas cerebrais atípicas, em pré-requisitos linguísticos e cognitivos.

É importante que desloquemos o nosso olhar do marco individual, ou seja, do sintoma que o aluno apresenta (distúrbio de aprendizagem, indisciplina, desatenção, hiperatividade) para as reações externas que envolvem esse sujeito na aprendizagem.

Segue abaixo a nomenclatura das principais modificações observadas no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, do DSM-4, publicado em 10 de março de 2003 para o DSM-5 publicado em 18 de maio de 2013.

| DSM-4 | DSM-5 |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Transtornos geralmente diagnosticados pela primeira vez na infância ou na adolescência • <i>Delirium</i>, demência, transtorno amnésico e outros transtornos cognitivos • Transtornos mentais causados por uma condição médica geral não classificados em outro local • Transtornos relacionados a substâncias • Esquizofrenia e outros transtornos psicóticos • Transtornos do humor | <ul style="list-style-type: none"> • Transtornos do neurodesenvolvimento • Gama da esquizofrenia e outros transtornos psicóticos • Transtorno bipolar e outros transtornos relacionados • Transtornos depressivos • Transtornos de ansiedade • Transtorno obsessivo-compulsivo e outros transtornos relacionados • Trauma e transtornos relacionados ao estresse • Transtornos dissociativos |

| | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Transtornos de ansiedade • Transtornos somatoformes • Transtornos factícios • Transtornos dissociativos • Transtornos sexuais e da identidade de gênero • Transtornos da alimentação • Transtornos do sono • Transtorno do controle dos impulsos não classificados em outro local • Transtornos da adaptação • Transtornos da personalidade • Outras condições que podem ser foco de atenção clínica | <ul style="list-style-type: none"> • Sintomas somáticos e outros transtornos relacionados • Alimentação e transtornos alimentares • Transtornos da excreção • Transtornos do sono-vigília • Disfunções sexuais • Disforia de gênero • Transtornos disruptivos, controle dos impulsos e conduta • Transtornos relacionados a substâncias e adição • Transtornos neurocognitivos • Transtornos de personalidade • Transtornos parafílicos • Outros transtornos mentais • Transtornos do movimento induzidos por medicamentos • Outros efeitos adversos de medicamentos • Outras condições que podem ser foco de atenção clínica |
|--|--|

Fonte: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php>

As dificuldades de aprendizagem interferem consideravelmente na vida do cidadão e quanto mais precocemente forem observadas tanto melhor será o seu diagnóstico e o seu tratamento. É importante que o trabalho psicopedagógico seja realizado em todos os momentos da vida escolar e com todos os alunos.

Nos primeiros anos escolares o seu papel é fundamental para que, porventura, a criança ou adolescente que apresentar algum distúrbio, possa ser devidamente diagnosticado e encaminhado caso seja de fato necessário, utilizando o tratamento mais adequado, dando a importância e atenção devida que o compreende.

O psicopedagogo deve estar preparado para trabalhar com as dificuldades, deve ter a sensibilidade para percebê-las quando há de fato um distúrbio ou apenas dificuldades passageiras que por diversas vezes são resolvidas com facilidade, evitando assim, que essas dificuldades se estendam ao longo da fase da adolescência, perpetuem e se agravem por toda a fase adulta.

Mas há que se ter em mente também que a escola tem um papel igualmente importante nessa relação ensino-aprendizagem, e é exatamente esse tema que será abordado a partir de agora.

2.2 A FUNÇÃO DA ESCOLA

Segundo Bossa (2011), o papel da escola é construir conhecimentos e desenvolver valores, comportamentos e práticas democráticas e deve também promover a harmonia entre o

corpo docente, discente, a família e a comunidade e todos que nela fazem parte.

A criança para aprender necessita estar em equilíbrio tanto físico, como emocional e social.

Segundo Lourenço (2003) apud Golfeto et al (2008), as dificuldades de aprendizagem podem ser:

- De ordem especificamente escolar;
- Decorrentes do potencial intelectual das crianças, que pode estar prejudicado pela desnutrição e outras patologias;
- De um comprometimento da personalidade, ainda em evolução associada a um conjunto psíquico intrapsíquico;
- Por razões sociais, tais como: a falta de continuidade de ensino, as mudanças de escola, a troca de professores e classes excessivamente numerosas;
- E, finalmente as psicopatologias mais frequentemente associadas aos transtornos de aprendizagem.

Desde os primeiros anos da vida escolar, através, principalmente, da atenção dos professores é que se percebem os transtornos e as dificuldades de aprendizagem, quer seja na fala, na leitura, na escrita e na matemática e, é na fase de alfabetização da criança, segundo Lourenço (2003) apud Golfeto et al (2008), que se torna mais evidente essas dificuldades.

O psicopedagogo deve atuar nessa fase, pois é ele que tem as condições necessárias para agir, observando e intervindo nas dificuldades de aprendizagem, diagnosticando e fazendo os devidos encaminhamentos quando necessário.

Segundo Golfeto; Pellegrini (2008) é necessário que não se confunda teimosias, rebeldias ou desafios com TDAH, pois em muitos casos quando não se dá a devida atenção dentro da instituição de ensino poderá ocorrer conseqüentemente a evasão ou o fracasso escolar.

Para Funayama et al (2008), é fundamental é que a escola seja capaz de capacitar seus profissionais para que se adequem a cada aluno individualmente, sabendo diferenciar os vários tipos de transtornos e se eles realmente existem, logo, não é o aluno que deve se adequar à escola e sim a escola se adaptar ao seu aluno.

Segundo Barbosa (2001) apud Souza et al. (2015), todos os sintomas percebidos e registrados em uma queixa, a priori, originam-se das observações desencadeadas na própria instituição.

Caso a criança necessite de algum tratamento mais elaborado ou aprofundado, onde se perceba claramente que há alguma patologia, o ideal é que esse tratamento seja multidisciplinar. A escola deve investir, além do psicopedagogo, no quadro de seus profissionais, isto é, ter colaboradores, entre outros, psicólogo, fonoaudiólogo, psicoterapeuta, psicomotricista e médico e dar atenção especial aos seus professores que são primordiais para que a o processo ensino-aprendizagem aconteça.

As dificuldades de aprendizagem na fase escolar geram baixo rendimento, atraso e reprovação, essas dificuldades devem ser percebidas na escola, quando isso não ocorre, quando não detectadas a tempo e devidamente tratadas, fator importantíssimo nesta fase, podem levar ao fracasso escolar e desencadear uma série de problemas de ordem psicológica, como por exemplo, a baixa autoestima e que podem perdurar por anos.

Faz parte do trabalho da escola envolver o cidadão para torná-lo parte desse desenvolvimento e crescimento, pois é um integrante ativo do processo de ensino-aprendizagem. Nesse momento o papel do professor é a referência para perceber se o seu aluno participa, interage ou não.

Segundo Weiss (1992) apud Loureiro (2008), a aprendizagem caracteriza-se como um processo que integra o pensar, o sentir, o falar e o agir, sendo que as rupturas e inibições neste processo implicam em muitas dificuldades.

O fracasso escolar, segundo Fernandez (1990) apud Loureiro (2008, pág. 127).

pode ser relacionado à causas externas e internas, à estrutura familiar e individual da criança. As causas externas, ligadas a uma ação educativa

inadequada, favoreceriam problemas reativos de aprendizagem, enquanto fatores internos, relacionados à história pessoal da criança, favoreceriam os problemas de inibição que restringem as potencialidades cognitivas, caracterizando um aprisionamento da inteligência e a perda do desejo de aprender.

A escola, segundo Bandura (1989) apud Loureiro (2008) deve desenvolver no aprendente o senso de autoeficácia, definido como autojulgamento do sujeito sobre sua capacidade de desempenho em atividades específicas, e que segundo Schunk (1995) apud Loureiro (2008) os alunos que acreditarem serem capazes de dominar o processo de informação se sentirão mais eficazes, favorecendo assim, o bom rendimento escolar.

Segundo Fernandez (1990), apud Loureiro (2008, pág. 67).

a aprendizagem enquanto conceito e experiência guarda um elemento universal do humano, na medida em que permite a transmissão do conhecimento e através desse processo garante a semelhança e a continuidade do coletivo, ao mesmo tempo permitindo a diferenciação e a transformação. O aprender envolve simultaneamente a inteligência, os desejos e necessidades; através do cognitivo busca-se generalizar, classificar, ordenar, identificando-se semelhanças, enquanto que através dos desejos e necessidades busca-se o individual, o subjetivo e o diferente.

No ensino fundamental, principalmente entre os 6 e 12 anos, período socialmente decisivo e marcado pelo desafio da produtividade, segundo Erikson (1976) apud Loureiro (2008), o potencial do aluno para a realização de tarefas deve ser valorizado tanto pelo próprio aluno como pelas pessoas que convivem com ele.

É fundamental que as crianças para crescerem e formarem sua identidade pessoal de forma saudável desenvolvam habilidades para a resolução de conflitos na medida em que eles aconteçam e minimizem as expectativas relacionadas aos aspectos emocionais que ocorram em relação aos professores, aos colegas e ao desempenho nas avaliações.

Segundo Loureiro (2008) é importante considerar a influência de múltiplos fatores que interferem na aprendizagem, há necessidade de que a escola individualmente esteja atenta para não supervalorizar ou desvalorizar as dificuldades de aprendizagem. Há que se ter ciência que a avaliação para um diagnóstico possa ser provisória e não imutável e definitiva.

Segundo Marturano (2013, p. 63) a criança ao ingressar no ensino fundamental passa por algumas fases de transição, desde os estágios cognitivos, passando pelo psicossocial e o ecológico e, a escola:

em primeiro lugar, é importante focalizar a transição em si. Estratégias para suavizar a transição podem ser implementadas, como visitas dos alunos da educação infantil à sua futura escola, informações aos pais sobre o funcionamento da 1ª série, um programa de acolhimento nas primeiras semanas de aula e a comunicação frequente e amigável com a família ao longo do ano. Em segundo lugar, é preciso lidar com as dificuldades encontradas na convivência entre as crianças. Sendo o domínio dos relacionamentos com os colegas a principal fonte de stress na 1ª série, esforços devem ser feitos nas escolas para ajudar a melhorar a convivência entre os alunos.

A convivência entre as crianças pode ser melhorada por meio de procedimentos com foco no dia a dia da 1ª série. Por exemplo, conflitos entre as crianças podem ser reduzidos e relações de amizade podem ser fomentadas e fortalecidas se o horário do recreio for aproveitado com a oferta de atividades lúdicas acompanhadas por um adulto. É possível ensinar as crianças a lidarem com o stress dos relacionamentos por meio de técnicas de relaxamento, habilidades de solução de problemas interpessoais e aprendizado da autorregulação emocional.

A escola é um espaço onde as diversidades imperam, tanto de aprendizagens, como culturais, sexuais, raciais, econômicas, fisiológicas etc.; é também um espaço de convivência, por isso deve ser um local de acolhimento, de respeito, de compreensão e de parceria e, todos que atuam na escola devem respeitar a maneira como as crianças e os adolescentes se comunicam, assim como suas escolhas, a escola deve sim, orientar os seus alunos.

Segundo Loureiro (2008), o professor e o psicopedagogo não necessariamente têm de

ter uma mesma visão em relação à atuação da escola, uma ação de parceria não implica que todos falem a mesma língua, mas sim, que todos compreendam como se constitui o sujeito e quais as influências a que está submetido, quais as linguagens que devem ser compartilhadas. Pensar da mesma forma é homogeneizar o espaço educativo.

O sucesso escolar é um fator fundamental para o desenvolvimento, a valorização e autoestima do aluno. Sabe-se, segundo estudos de vários pesquisadores que quanto maior forem os problemas emocionais da criança, maior serão os problemas relacionados à aprendizagem.

Não se pode esquecer o papel importantíssimo que a família tem no processo de aprendizagem escolar da criança. A família deve estar presente sempre, estimulando, acompanhando, interagindo e fazendo parte da vida da criança.

Após várias pesquisas realizadas e segundo Marturano (2008), os pais e as famílias podem direcionar positivamente o aprendizado escolar, a motivação para os estudos e o desenvolvimento de competências interpessoais, que garantem um bom relacionamento com professores e colegas.

Segundo Carvalho (2008) o bom aluno, adaptado e com bom rendimento escolar depende do produto do domínio da interação e cooperação dos colegas de classe e a obediência ao professor, como também depende do domínio dos conteúdos acadêmicos, cujo objetivo maior é o aprendizado da leitura, da escrita e do cálculo elementar.

A escola deve ter cuidado em relação às dificuldades e possíveis deficiências cognitivas que a criança porventura possa apresentar, para não excluí-las e discriminá-las, o que agravará ainda mais o problema escolar e social, aumentando a violência e a delinquência (LOUREIRO, 2008).

Para tanto o professor deverá estar devidamente orientado pela escola que no início do ano letivo coloca muitas expectativas, assim como a turma, em como será sua nova jornada. A relação interpessoal professor/aluno é fundamental para facilitar ou dificultar o relacionamento global em sala de aula, desenvolver a auto aceitação e autoestima do professor e da classe (CARVALHO, 2008).

Nem sempre a escola necessita de novas propostas pedagógicas, há escolas que precisam apenas ampliar e diversificar o que já realizam de positivo.

Segundo Zanata; Capellin (2013, p. 281):

A educação é considerada atualmente como um processo que pode favorecer a reflexão crítica e a busca de soluções para os problemas que encontramos na humanidade; o acesso ao conhecimento se torna um instrumento de luta no processo de humanização da sociedade, na tentativa de conquistarmos mais justiça, solidariedade e igualdade entre os homens. Não podemos ser ingênuos e pensar que a educação sozinha vai ser a “redentora da pátria”, porém as práticas educativas podem, em cotidiano escolar, colaborar para minimizar ou aumentar este processo secular de exclusão, quando primeiramente tomarmos consciência de que a escola produz e reproduz preconceitos.

A instituição escolar deve trabalhar em harmonia com sua equipe a partir da sua realidade e sem discriminações, respeitando a diversidade e o indivíduo dentro de suas experiências de vida e limitações.

Por fim, a escola deve favorecer as relações intrapessoais, deve envolver os sujeitos de forma afetiva, além de cognitiva, deve trazer seu aluno até ela, ensinar, orientar, educar, aproximar, integrar famílias e comunidades, professores e coordenadores juntamente com toda a equipe profissional, minimizando e percebendo as dificuldades que possam ocorrer.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O procedimento metodológico ou o método pode ser descrito como uma seção fundamental seja em projetos de pesquisa ou em outros tipos de trabalhos acadêmicos em geral (HUBNER, 2001, p. 41).

Ainda de acordo com a autora, no método deve ser explicitada a lógica da ação a ser seguida pelo pesquisador, além dos principais fenômenos a serem estudados, bem como suas

ramificações, inter-relações e a forma de se obtê-los.

Para compreensão desse tema foram realizadas pesquisas bibliográficas de cunho qualitativo, empregando informações não numéricas e não quantificáveis não acessíveis em procedimentos estatísticos e sim em processos intersubjetivos – relacionados à Psicopedagogia e demais áreas afins, como por exemplo, a Psicologia – e, processos subjetivos e indutivos, isto é, partindo de fatos particulares e comprovados para se tirar uma conclusão genérica.

As pesquisas foram baseadas em livros, artigos e sites científicos, de autores e pesquisadores renomados no âmbito das ciências humanas e sociais, comprometidos com o indivíduo, com a inovação e com a transformação social, envolvendo a ética e a responsabilidade com as informações obtidas.

Segundo Chizzotti (2003), a pesquisa qualitativa assume multiparadigmas de análise e adota multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e procura encontrar o sentido desse fenômeno como interpretar os significados que as pessoas dão a eles dentro de um campo transdisciplinar e empenha-se em dar uma fundamentação rigorosa atada ao positivismo, que tende a se expandir como forma de ensino-aprendizagem nas quais as novas gerações serão formadas.

A pesquisa qualitativa nos leva a pensar que apesar da compreensão e do conhecimento absoluto estar fora de nosso alcance, a compreensão e o conhecimento probabilístico limitado não estão. (KERLINGER, 2003).

A pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de micro processos através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo de dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise. Enfatiza-se a necessidade do exercício da intuição e da imaginação pelo profissional num tipo de trabalho artesanal visto não só como condição para o aprofundamento da análise, mas também, o que é muito importante, para a liberdade do intelectual (MARTINS, 2004).

Para Duarte (2004), o que dá o caráter qualitativo não é necessariamente o recurso de que se faz uso, mas o referencial teórico/metodológico eleito para a construção do objeto de pesquisa.

Após determinado o método a ser utilizado foram escolhidos o tema e o objetivo e deram-se início às pesquisas. Para que o trabalho tomasse forma, foram divididos em três itens os assuntos que mais interessavam, e de forma organizada, contínua e coerente, iniciaram-se as abordagens sobre cada item.

É importante salientar ainda que durante todas as etapas que permearam esse estudo, houve sempre a preocupação de se primar pela ética e pelo respeito a todos os autores estudados e devidamente elencados nas referências.

3.1 PARTICIPANTES

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo apenas levantamento bibliográfico, não houve a participação de pessoas nesse estudo.

3.2 PROCEDIMENTOS

Os dados foram coletados através de levantamento bibliográfico a partir da utilização de livros, artigos, monografias, teses e dissertações adquiridas de fontes seguras de consulta (Medline, Lilacs, Bireme, Scielo, Google Acadêmico, Biblioteca das Universidades Federais, etc.).

4. ANÁLISE

4.1 O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO

De acordo com o Código de Ética da Psicopedagogia da Associação Brasileira de Psicopedagogia, reformulado pelo Conselho da ABPp, gestão 2011/2013 e aprovado em assembleia geral em 5/11/2011, é papel do psicopedagogo trabalhar no âmbito educacional e na saúde, com foco no processo de aprendizagem e suas dificuldades. Fundamentado em diferentes referenciais teóricos e de natureza inter e transdisciplinar, tem como objetivos:

- Promover a aprendizagem, contribuindo para os processos de inclusão escolar e social;
- Compreender e propor ações frente às dificuldades de aprendizagem;

- Realizar pesquisas científicas no campo da psicopedagogia;
- Mediar conflitos relacionados aos processos de aprendizagem.

O objeto de conhecimento da psicopedagogia no processo de aprendizagem é o ser humano. É necessário, para que esse processo bastante complexo se complete buscar outras áreas de conhecimento que juntas interajam, como a Pedagogia, a Psicologia, a Neurologia, a Psicanálise entre outras, apresentando sempre uma postura de assessoramento e parceria, compreendendo e conhecendo os espaços onde ocorre a aprendizagem.

Uma das características principais do papel do psicopedagogo é o preventivo, quer seja clínico ou educacional. Ajudar, orientar e principalmente diagnosticar corretamente os problemas relacionados à aprendizagem, evitando assim o fracasso escolar e erros na intervenção ou diagnóstico psicopedagógico. Levar em consideração que a vida do sujeito deve se dar de forma harmoniosa e equilibrada tanto orgânica, emocional, cognitiva e socialmente.

O papel do psicopedagogo cada vez mais vem sendo difundido no mundo, cada país, porém com a sua realidade própria sendo levada em conta. Em se tratando de países ao entorno do Brasil, podemos destacar que na Argentina, segundo Souza et al (2015), o processo de investigação inicia-se a partir de entrevistas com os pais, com o intuito de conhecer o histórico da vida do seu aluno, a partir daí então, são realizadas entrevistas com os docentes para colher informações sobre o processo ensino-aprendizagem, a proposta da instituição, metodologia, avaliação, material didático, as relações entre professor e aluno e entre alunos.

A parte final da entrevista é com o aluno e o psicopedagogo pode utilizar instrumentos de avaliação que o psicólogo também utiliza. Enquanto que no Brasil o processo investigativo inicia-se com o aprendente e o psicopedagogo não pode utilizar os mesmos instrumentos utilizados pelo psicólogo.

Ainda, segundo Souza et al (2015), quando se observa os diferentes tipos de recursos disponíveis e utilizados na Argentina em comparação com a realidade psicopedagógica disponível no Brasil, é possível perceber que ainda há muito que avançar por aqui.

Segundo Visca (1991), o processo diagnóstico se dá por intermédio do reconhecimento, do prognóstico e das indicações, através das cinco fases: anamnese, testes, provas piagetianas, conceitualização do caso, devolução aos pais e em alguns casos à criança.

O psicopedagogo pode atuar na área clínica, institucional, hospitalar e empresarial.

Na área clínica, o psicopedagogo trabalha individualmente em um consultório. Agenda a primeira entrevista com os pais e a própria criança, se houver essa possibilidade. Esse momento é importante para que se observe a dinâmica psicológica familiar, as atividades espontâneas desenvolvidas pelo indivíduo.

Utiliza instrumentos que caracterizam a avaliação psicopedagógica, tais como: jogos, brinquedos, desenhos, provas piagetianas e atividades pedagógicas. Faz anotações do que é falado e do comportamento dos envolvidos. Muitas vezes detecta que as queixas se relacionam ao contexto familiar ou ao escolar e não diretamente ao indivíduo que aparentemente apresenta algum transtorno e, em havendo algum transtorno deve encaminhar o sujeito à área da saúde adequada, psicólogo, fonoaudiólogo etc.

Nesse momento aplica a anamnese, instrumento utilizado com o objetivo de lembrar todos os fatos que se relacionam à dificuldade do sujeito. Na anamnese são colhidos dados desde a gestação, parto, ambiente em que o indivíduo vive, sexualidade, histórico escolar, saúde, dados familiares etc.

Na clínica também são atendidos adolescentes e adultos com intuito de recuperar a autoestima perdida nos primeiros anos da vida escolar, fazendo-os perceber que possuem potencialidades e são capazes de realizar atividades acadêmicas.

O psicopedagogo institucional atua diretamente nas escolas, deve trabalhar em parceria e conhecer muito bem a escola, professores, direção, coordenadores, comunidade, enfim todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, e principalmente os alunos que fazem parte dessa escola, iniciando o processo do seu trabalho pelo próprio aluno, não se esquecendo de após o desenrolar do processo, apresentar a devolutiva a todos os envolvidos.

O psicopedagogo institucional deve adotar uma postura de assessoramento, observando, conhecendo e acompanhando todas as práticas escolares, a dinâmica da escola e da sala de aula junto ao professor, o que é produzido pelos alunos, não se restringindo apenas ao diagnóstico, mas também intervindo, fazendo os devidos encaminhamentos, quando necessários, a psicólogos, fonoaudiólogos, médicos, orientadores entre outros.

Além disto, acompanha e supervisiona os trabalhos desenvolvidos pela escola, orienta a equipe docente sobre a ação pedagógica mais eficaz e eficiente para cada problema observado. Deve estimular também a participação da família e ter atitudes de acolhimento com todos os atores do processo.

Para Weiss (1997) todo o diagnóstico é um processo de investigação, uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada. Será, portanto, o esclarecimento de uma queixa, do próprio sujeito, da família e, na maioria das vezes, da escola.

Vários profissionais da área, como Bossa (2011), também indicam o uso do desenho e de gravuras que tratem do cotidiano familiar, de brincadeiras, passeios etc., que servem de dados para compreender a dinâmica interna do indivíduo, assim como de sua dinâmica familiar.

O acompanhamento psicopedagógico (diagnóstico, intervenção e encaminhamento, quando necessário), deve ser cuidadoso para não patologizar ou culpabilizar o aprendente e sua família.

Algumas vezes a escola opera o trabalho pedagógico com o aluno ideal e não com o real, muitos deles vindos de classe social que não tem recursos de leitura e equipamentos tecnológicos e de comunicação, chamados por Fernández (2012) de teletecnomidiático.

A instituição escolar, por sua vez, deve possibilitar a esses alunos um espaço de aprendizagem, de conhecimento, por exemplo, com variados tipos de livros, sala de vídeos, computadores etc. A falta desses recursos e a falta de estímulo tem como consequência o atraso escolar e, encaminhamentos a psicólogos, neurologistas, entre outros, muitas vezes desnecessários, que se vistos adequadamente através dos olhos do psicopedagogo poderão ser resolvidos com certa rapidez e autonomia.

Segundo Fernández (2012, p. 122):

os recursos teletecnomidiáticos atuais impõem transformações que modificam os modos de representação da realidade e a própria percepção. A percepção – que tem um importante papel na atividade atencional – não é um fato meramente biológico. É uma construção ancorada na história e em particular no contexto social.

Conhecer o que o professor desenvolve em sala de aula, a sua dinâmica, como os alunos produzem seu conhecimento, como é empregada a didática e a metodologia, qual a relação de autoridade exercida pelo professor e outros aspectos dessa relação, permitem ao psicopedagogo propor algum tipo de intervenção, não atuando de forma individual e sim ampla, interagindo com o professor e com a equipe multidisciplinar, adequando a metodologia caso necessário.

O psicopedagogo também poderá atuar na área hospitalar, cujo atendimento refere-se à educação especial, em que há o acompanhamento psicopedagógico a crianças em situações e condições especiais, tanto por fatores patológicos como por acidentes que a faz se afastar da sala de aula. Utiliza atividades lúdicas onde o enfermo e pais possam participar juntos. Isto possibilita ao indivíduo e à sua família uma vivência menos traumática e tensa.

O psicopedagogo que atua nas empresas também deve trabalhar em parceria, ajudar na solução dos conflitos, desenvolver ações que buscam a motivação dos funcionários, além de realizar treinamentos personalizados e avaliação de aprendizagens da própria empresa, trazendo equilíbrio emocional aos funcionários e melhor rendimento profissional.

Segundo Fernández (2012, p. 24):

o nosso papel é oferecer uma superfície para que a pessoa atendida, desde o primeiro momento do diagnóstico, possa ir encontrando-se, para além do sintoma que o traz à consulta e para além do alcance de nosso próprio olhar. Oferecer um tempo para que aquele que atendemos descubra algo novo

sobre si mesmo.

O psicopedagogo, antes de tudo, deve conhecer como ocorre o processo de construção da língua escrita e dos números. Após a compreensão desses conhecimentos, deve se aprofundar nos tipos de transtornos de aprendizagem, deve conhecer o seu campo de atuação, seja clínica, educacional, hospitalar e empresarial.

É importante que ele conheça também o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM/V). Deve ter a experiência e a sensibilidade de perceber o ser humano e sua relação com o ensino-aprendizagem, não esquecendo que o que define uma determinada intervenção é o nível de sofrimento do sujeito e as barreiras e dificuldades que encontra no seu dia-a-dia, para somente, então, fazer o acompanhamento e os devidos encaminhamentos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal desse estudo era conhecer e compreender a atuação do psicopedagogo frente às dificuldades de aprendizagem e a partir do procedimento metodológico utilizado e descrito nesse trabalho parece possível afirmar que o objetivo foi atingido, pois vários autores pesquisados para a realização desse trabalho tanto no âmbito nacional quanto internacional apresentam fortes evidências de que a atuação desse profissional é bastante positiva frente às dificuldades de aprendizagem.

O enfoque fundamental do trabalho do psicopedagogo são as dificuldades relacionadas ao ensino-aprendizagem, mesmo esse processo sendo bastante complexo e minucioso, pois envolve o ser humano e suas diferenças.

O papel do psicopedagogo diante das dificuldades de aprendizagem é o de ouvir, falar, propor, intervir, diagnosticar e encaminhar corretamente o sujeito para profissionais quando se percebe a real necessidade. Envolve, pois, todos que se relacionam diretamente e indiretamente com o indivíduo, isto é, a família, a escola, os amigos, a comunidade onde vive etc.

O psicopedagogo pode atuar em diferentes áreas, cada uma com suas particularidades, porém em todas as áreas o profissional deve estar extremamente atento e deve saber utilizar os vários instrumentos práticos indispensáveis para que seu trabalho flua coerentemente, dentro do contexto onde está inserido, para chegar a um diagnóstico preciso.

É um trabalho de dedicação, de atenção, de acolhimento, de percepção e de sensibilidade, pois podemos transformar, aprimorar, redescobrir o indivíduo, levando-o a respeitar-se, respeitando o outro, tornando-o ativo, capaz e único dentro da sociedade onde vive.

De certa forma é mais ou menos como afirma Bossa (2007) quando sugere que a psicopedagogia deve ter como base fundamentada em seu compromisso a visão de que deve contribuir da melhor maneira possível com o processo de aprendizagem além de buscar formas de definir uma maneira específica de atuação, e como resultado espera-se ainda que seja possível identificar fatores que sejam capazes de facilitar esse processo.

Com base em toda pesquisa realizada para a elaboração desse trabalho, parece ser possível afirmar que o psicopedagogo tem papel fundamental no que se refere às dificuldades de aprendizagem e o que se espera a partir dessa percepção é que esse estudo possa ser inserido dentre aqueles que de alguma maneira apresentam contribuições para o tema.

Não há também a pretensão de se esgotar o assunto com esse trabalho e como sugestão para futuros pesquisadores é que seja dada uma atenção às questões metodológicas, por exemplo, com a utilização de uma pesquisa que contemplasse um número significativo de participantes para que assim seja possível, entre outras coisas, obter resultados oriundos da participação dessas pessoas para que assim seja possível apresentar uma melhor interpretação dos resultados aqui apresentados.

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Álvaro C.; NETO, Francisco L. **A Nova Classificação para os Transtornos Mentais – o DSM-V**. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva [online] 2014, Vol. XVI, no. 1, 67 – 82 - ISSN 1982-3541. Disponível em: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/viewFile/659/406>. Acesso em: 12/07/2015.

Associação Brasileira de Psicopedagogia ABPP (www.abbp.com.br). **Código de Ética do Psicopedagogo** - Enviado por Rodrigo Abrantes em dom, 03/08/2014 - 3:56pm.

BOSSA, Nádia. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992

_____. **Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: ArtMed, 2002

_____. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. RS, Artmed, 2007

_____. **O Olhar Psicopedagógicos nas Dificuldades de Aprendizagem**. Disponível em: <http://www.nadiabossa.com.br/pdf/o-olhar-psicopedagogico-nas-dificuldades-de-aprendizagem.pdf>. Acesso em 26/07/2015.

BOSSA, Nádia; OLIVEIRA Zilma de M. (orgs.). **Avaliação Psicopedagógica da Criança de Sete a Onze Anos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BURLAMAQUI, Fátima R. **A Psicopedagogia e suas relações: uma “nova roupagem” para velhas abordagens**. In: Psicologia e Práticas Educacionais. Campo Grande/MS: Editora Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2000.

CHAMAT, Leila S. **Técnicas de Diagnóstico Psicopedagógico**. São Paulo: Vetor, 2006

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação, 2003, 16 (2), pp 221-236. Universidade do Minho. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Disponível em http://200.17.83.38/portal/upload/com_arquivo/1350495029.pdf. Acesso em: 10/09/2015.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar. Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>. Acesso em 10/09/2015.

FERNÁNDEZ, Alícia. **A Atenção Aprisionada: Psicopedagogia da Capacidade Atencional**. Porto Alegre: Penso, 2012.

FONSECA, Vitor. **Dificuldades de aprendizagem: na busca de alguns axiomas**. Revista psicopedagogia. [online]. 2007, vol.24, n.74, pp.135-148. ISSN0103-8486. Disponível em : http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862007000200005&script=sci_arttext. Acesso em 09/08/2015.

FONSECA, Vitor. **Insucesso Escolar – Abordagem Psicopedagógica das Dificuldades de Aprendizagem**. Lisboa: Âncora, 1999.

HUBNER, Maria Martha **Guia para elaboração de monografias e projetos de dissertação de mestrado e doutorado**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, Mackenzie, 2001

KERLINGER, Fred N. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais: Um tratamento conceitual**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. 9ª reimpressão. 2003.

MARTINS, Heloisa Helena T. S. **Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa**. Universidade de São Paulo - v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/agosto 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>. Acesso em 10/09/2015.

MARTURANO, Edna Maria. **A criança, a família, a escola e a transição para o ensino fundamental**. In Aprendizagem, comportamento e emoções na infância e adolescência. KONKIEWITZ, Elisabete C. (org). Dourado/Mato Grosso do Sul: Ed. UFGD, 2013.

_____. **O Inventário de recursos do ambiente familiar**. Revista Psicologia: Reflexão e Crítica. Vol. 19, número 3. Porto Alegre, 2006. ISSN 1678-7153. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722006000300019&script=sci_arttext. Acesso em 09/09/2015.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989

PATTO, Maria Helena. **A Produção do Fracasso Escolar: histórias de Submissão e Rebeldia**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990

SANTOS, Luciana C.; MARTURANO, Edna Maria. **Crianças com dificuldade de aprendizagem: um estudo de seguimento**. Revista Psicologia, Reflexão e Crítica [online]. 1999. Universidade de São Paulo/Ribeirão Preto. Vol. 12, número 002. ISSN 0102-7972. Disponível em: http://www.researchgate.net/profile/Edna_Marturano/publication/26362125_Crianças_com_dificuldade_de_aprendizagem_um_estudo_de_seguimento/links/00b7d53904c1b8e5a3000000.pdf. Acesso em 02/08/2015.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **A criança com distúrbios escolares**. Revista Temas sobre Desenvolvimento. 1992 – 719-25. Disponível em: www.schwartzman.com.br/.../crianca_com_disturbios_escolares_95.doc. Acesso em: 21/06/2015.

SOUSA, Paulo Roberto de, RIBEIRO, Paulo Eduardo, VIANNA, Adriana Beatriz. Botto Alves. **Intervenções em psicopedagogia institucional no Brasil e na Argentina: diferentes perspectivas**. Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales [online]. 2015, n. 27 (enero-marzo). Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/cccss/2015/01/psicopedagogia.html>. Acesso em: 14/06/2015.

VISCA, Jorge. **Psicopedagogia: novas contribuições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

WEISS, Maria, L. **Psicopedagogia Clínica: Uma Visão Diagnóstica dos Problemas de Aprendizagem Escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

ZANATA, Eliana Marques; CAPELLIN, Vera Lúcia Messias Fialho. **A Construção de uma escola inclusiva por meio da colaboração**. In Aprendizagem, comportamento e emoções na infância e adolescência. KONKIEWITZ, Elisabete C. (org). Dourado/Mato Grosso do Sul: Ed. UFGD, 2013.